

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



## PROCESSOS DE EXCLUSÃO EM CONTOS DE LIMA BARRETO

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andrea Czarnobay Perrot<sup>1</sup> - Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

### RESUMO

O presente trabalho visa a analisar a presença da exclusão espacial e social em contos de Lima Barreto. O escritor carioca, que produziu sua obra mormente no início do século XX, acreditava numa concepção de literatura engajada – militante – baseada na experiência do autor. Assim, firmando um compromisso de sua literatura com a investigação dos contextos humanos que estão na base da formação da desigual sociedade brasileira do período citado, Lima Barreto acreditava ter como “missão” não apenas dar voz aos marginalizados e excluídos, mas, também, narrar como o processo de marginalização/exclusão era vivenciado por estes. Isso não significa, porém, que todos seus personagens e/ou protagonistas sejam excluídos, marginalizados ou vítimas de preconceito, mas que haja, via de regra, um processo de exclusão, uma situação que marginaliza na base de suas narrativas. Era dessa forma que Lima Barreto exercitava sua ‘militância literária’, colocando sua literatura a serviço dos menos favorecidos, aqueles com os quais conviveu durante o período de sua vida em que habitou o subúrbio carioca. Para o autor, o subúrbio era o ‘refúgio dos infelizes’, para onde iam aqueles desfavorecidos, que nada tinham ou que tudo haviam perdido. Logo, a análise ora proposta visa a identificar, no texto de Lima Barreto, como se dá a representação literária dessas vozes, nos âmbitos espacial e social, ou seja, de que maneira o autor ficcionaliza a exclusão espacial e social. Em princípio, pode-se relacionar essas duas facetas da exclusão ao subúrbio e aos seus habitantes, os suburbanos.

**Palavras-chave:** Lima Barreto. Exclusão. Representação. Ficção.

### 1 INTRODUÇÃO

O período referente ao final do século XIX e início do século XX insere-se num contexto fundamental do ponto de vista da mudança histórica mundial em direção à modernidade e sua consolidação. No Brasil, fatos político-históricos como a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889), relacionados aos ocorridos em

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto II, ministrante das disciplinas referentes às Literaturas de Língua Portuguesa dos cursos de graduação em Letras da UFPEL e do curso de pós-graduação *lato sensu* de Especialização em Letras da mesma universidade.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



nível mundial<sup>2</sup>, estabelecem a "atmosfera" preponderante. Somado a isso, posteriormente, o domínio do cientificismo, representado sobretudo pela doutrina positivista de Auguste Comte, determina os conceitos e normas vigentes no campo intelectual no Brasil e no mundo.

Vivendo nesse período, marcado por importantes transformações econômicas, políticas, sociais e culturais no Brasil, Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), descendente de avós escravos e filho de um tipógrafo e de uma professora primária, ambos negros, viveu as consequências de ser um *outsider* no contexto de um país elitista, injusto e racista (BARBOSA, 2002), características que persistem ainda hoje em certos setores de nossa sociedade. Diante dessa condição, sua obra torna-se representativa porque, pela via literária, o escritor/homem de seu tempo demonstra que:

- pesar da república recém-instalada, continua a vigorar a mesma estrutura de domínio oligárquico do tempo imperial, sendo às classes não abastadas e aos indivíduos não brancos negados o direito à participação na política e o acesso à cultura;
- a abolição da escravatura, embora tenha libertado os negros, marginalizou-os, à medida em que sua mão-de-obra foi quase totalmente substituída pela do imigrante europeu, numa tentativa das elites de "embranquecer" a população do Brasil (em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919) Lima Barreto assume o caráter militante e autobiográfico de sua literatura ao explorar a tese de que, no Brasil, os mestiços de talento estão fadados ao fracasso justamente por serem mestiços).

---

<sup>2</sup> Como, por exemplo, a Guerra Civil Americana (1861-1865), conflito entre o norte – industrial – e o sul dos EUA – agrícola e escravocrata -. Após 4 anos, o norte vence e foi abolida a escravatura no país; e a Comuna de Paris (1871), a qual instalou um governo revolucionário na França, pregando o fim da escravidão do salário, tese de que tanto escravos quanto assalariados eram excluídos do acesso aos bens de produção e trabalhavam para benefício de outrem, além das unificações da Alemanha e da Itália e do imperialismo que ainda vigia na África, América, Ásia e Oceania.

# V ENALLI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Maria Cristina Machado, em *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República* (2002), cumpre a tarefa de resgatar a dimensão social e política do trabalho de um autor marginalizado em seu tempo e no decurso da história. Segundo a autora, Lima Barreto teria desenvolvido grande sensibilidade sociológica por estar estreitamente vinculado às condições de emergência e configuração da modernidade e do capitalismo no contexto da sociedade brasileira. O lugar das margens em termos existenciais e sociais (especificamente, a vida de suburbano, limitada ao espaço geográfico do subúrbio) daria ao autor, ainda, uma possibilidade privilegiada de observação, descrição e crítica de seu tempo, fazendo de seu trabalho uma representação alegórica da modernidade brasileira (que criou espaços marginalizados do processo, no caso do RJ, as favelas, onde nada havia dos novos cenários e tecnologias da modernidade).

Logo, o projeto estético da obra de Lima Barreto alia engenho artístico e atuação social, uma vez que, em seu universo ficcional, interagem elementos que nos permitem compreender as formas de dominação impostas por uma sociedade autoritária. A produção intelectual de Lima Barreto é o que podemos chamar de "literatura militante". Manifestando-se contra o *establishment* sociocultural, o autor acredita numa literatura capaz de promover a transformação da sociedade. Para ele, a literatura deveria ser constituída por textos que despertassem o interesse do leitor e que, simultaneamente, fossem providos de um significado maior, devendo estar, no entanto, vinculados aos seus autores, e de modo aparente. Por esta razão o discurso autobiográfico possui relevância em sua obra, pois Lima Barreto condenava a literatura alheia à experiência. (é notória a mescla de sua experiência pessoal com a ficção em diversas de suas obras, como as já citadas *Recordações* e *Vida e Obra*, além de seus *Diário Íntimo* (1953 – póstumo) e *Diário do Hospício* (1919-1920). Nessa seara, localizar as fronteiras entre o pessoal e o social, entre o documental e o literário e entre o real e o ficcional tem sido uma constante entre os pesquisadores da vida do homem Lima Barreto e de sua obra.

De fato, a literatura de Lima Barreto pode ser analisada como representação crítica das características do sistema sociopolítico e cultural do Brasil da Primeira República sob os

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



aspectos coletivo e também individual. A escrita barretiana enfrentou e expôs na própria forma literária os conflitos que, no momento histórico pelo qual o Brasil e o mundo passavam, assolavam o posicionamento dos intelectuais brasileiros. Lima Barreto configurou, em sua prosa, o dilema do artista brasileiro finissecular, tal como coloca Roberto Schwarz, em seu artigo "As idéias fora do lugar"<sup>3</sup>: ideias progressistas vindas da Europa em conflito com uma sociedade oligárquica que buscava não só o branqueamento da população, como também a importação geral do modelo civilizatório europeu e de suas instituições, sem mediações e/ou adaptações à nossa peculiar realidade.

Lima Barreto firma um compromisso de sua literatura com a investigação dos contextos humanos que estão na base da formação da desigual sociedade brasileira do início do século XX. Sua "missão" é não apenas dar voz aos marginalizados, mas, também, narrar como o processo de marginalização é vivenciado por estes. Isso não significa que todos seus personagens e/ou protagonistas são excluídos, marginalizados ou vítimas de preconceitos, mas que haja, via de regra, um processo de exclusão, uma situação que marginaliza sendo narrada.

## 2 A BELLE ÉPÓQUE CARIOCA

Na contramão da literatura "oficial" aceita nas altas rodas sociais, que ressalta e retrata as transformações da cidade e as histórias de seus ilustres e abastados habitantes europeizados<sup>4</sup>, Afonso Henriques de Lima Barreto desvela, ao narrá-la, a vida do subúrbio e dos suburbanos, alijados dessa modernização de matriz parisiense.

Em várias de suas narrativas, a paisagem do Rio de Janeiro, capital da corte e da posterior República, não é a dos *boulevards* e dos cafés, mas a do morro, a da incipiente favela – que cresce na geografia carioca justamente nesse período, pois era preciso realocar

---

<sup>3</sup> SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000, PG. 9-31.

<sup>4</sup> Vide a literatura cronística de João do Rio.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



a população pobre que habitava o espaço a ser ocupado por prédios luxuosos e largas vias de acesso. Muitos morros, casebres e cortiços foram derrubados com o intuito de camuflar o aspecto ainda colonial da cidade para, com isso, atrair investimentos estrangeiros e alcançar prestígio internacional. É desse período a alcunha de Cidade Maravilhosa até hoje ostentado pela cidade.

Para Barreto importava, sobretudo, a vida por trás dessa fachada europeia, as implicações nefastas dessa “limpeza”<sup>5</sup> promovida por Pereira Passos. Em *Recordações do escritor Isaías Caminha*, certo personagem comenta a “lei dos sapatos obrigatórios”, metáfora das mudanças apenas estéticas trazidas pela República: *Causa má impressão ver essa gente descalça... Isso só nos países atrasados! Eu nunca vi isso na Europa!*

Tendo vivido no subúrbio, Lima Barreto conviveu com gente de todas as cores, de todos os credos, de todas as origens, todos possuindo, como ponto nivelador, a pobreza. Devemos entender, porém, que relacionar sua vida suburbana à temática suburbana presente em sua obra não deve ser encarado como crítica biografista superficial, aquela que coloca a relação vida-obra de forma ingênua, como sendo obrigatoriamente de causa-consequência.

Para Lima, como podemos perceber ao ler sua conferência (embora nunca proferida) “O destino da literatura” (*Marginália* – 1953, póstuma), a literatura tem como objetivo a solidariedade dos homens. O autor, trazendo sua experiência à sua escrita, deve promover a identidade entre os seres humanos, que são todos frutos da mesma origem e que devem caminhar todos na mesma direção.

Semelhante visão nos apresenta Antonio Candido em *Literatura e sociedade* (2000):

A literatura, (...) é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma ‘comunhão’.

---

<sup>5</sup> Seria uma espécie de eugenia? Fica aqui uma hipótese de pesquisa.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



### 3 O SUBÚRBIO E OS SUBURBANOS NA OBRA DE LIMA BARRETO<sup>6</sup>

Em *Clara dos Anjos* – romance publicado em 1923 e escrito entre 1921-22 (existem 3 ‘Claras’: o romance inacabado de 1904, o conto de 1919 e o romance completo de 1923) –, Lima descreve o subúrbio, em suas palavras, “refúgio dos infelizes”:

“Mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e no abandono em que os poderes públicos o deixam. Pelas primeiras horas da manhã, de todas aquelas bibocas, alforjas, trilhos, morros, travessas, grotas, ruas, sai gente, que se encaminha para a estação mais próxima, alguns, morando mais longe em Inhaúma, em Caxambi, em Jacarepaguá, perdem amor a alguns níqueis e tomam bondes que chegam cheios às estações. Esse movimento dura até as dez horas da manhã e há toda uma população da cidade, de certo ponto, no número dos que nele tomam parte. São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, de dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil-réis. O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes dêem alguma coisa, para o sustento seu e dos filhos.”

A descrição do espaço geográfico é realizada por meio da descrição dos que nele habitam. Por longo trecho do romance, o subúrbio e o suburbano (pobre, em geral, não importando a cor) são personagens centrais do romance, sustentando a militância da literatura barretiana.

Interessante perceber o alcance do subúrbio nesta obra: o “infeliz” suburbano é Meneses, espécie de dentista clandestino branco, e não Clara, a heroína negra do romance (mulata que engravida do amante branco cafajeste). Percebe-se, assim, que não apenas a discriminação racial aparece com força na literatura militante de Lima, mas toda e qualquer marginalização e exclusão, mor das vezes mergulhadas na pobreza.

No conto *O Moleque* (1920), Lima também retrata o subúrbio e seus habitantes, o cotidiano dos seus “infelizes”: os animais criados soltos pelos quintais, a rotina dos

---

<sup>6</sup> As datas a seguir dos títulos das obras referem-se às datas em que foram inicialmente publicadas, e não, às das edições utilizadas para a feitura deste artigo.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



pequenos negociantes... Aborda também a supressão de nomes indígenas de ruas e bairros do Rio, substituídos por nomes de “figurões banais”, numa alusão ao apagamento da história dos locais onde moram os excluídos (aqui excluídos da própria história de seu habitat).

Essa questão é também abordada em *Diário do Hospício* (1919-1920), junto ao ‘culto’ ao bacharelismo, aos ‘doutores’ na sociedade:

[...] Canoas ainda! Herança dos índios! O remo também vem deles! Quantas coisas, dos seus usos e costumes, eles nos legaram? Muitas! A farinha da mandioca, do milho, certas tuberosas, nomes de rios e lugares, muitos, adequados e expressivos. Hoje, a vaidade nacional batiza os lugares com os mais feios nomes que se podem esperar. Enseada Almirante Batista das Neves! Só falta um doutor, também. Esta nossa sociedade é absolutamente idiota. Nunca se viu tanta falta de gosto. Nunca se viu tanta atonia, tanta falta de iniciativa e autonomia intelectual! ... Quem quiser lutar aqui e tiver de fato um ideal qualquer superior, há de por força cair. ... Nos grandes países de grandes invenções, de grandes descobertas, de teorias ousadas, não se vê nosso fetichismo pelo título universitário que aqui se transformou em título nobiliárquico. É o *don* espanhol.

Em *O filho da Gabriela* (1915), outro conto do autor, a humilhação e a impossibilidade de uma vida digna são denunciadas como marcos das dificuldades de inserção social do negro no Brasil pós-escavidão. Gabriela, criada da casa do Conselheiro e de Dona Laura, morre e deixa seu filho como apadrinhado da família. Note-se que o menino, apesar de possuir nome próprio - Horácio -, é sempre referido como “o filho da Gabriela”, alcunha que corrobora e garante sua marginalização no ambiente familiar e social da casa do Conselheiro.

Ainda em *O filho da Gabriela*, o incidente que causa constrangimento nas relações entre Horácio e o Conselheiro bem demonstra a situação marginal vivenciada pelo jovem apadrinhado:

Certa manhã, ao entrar na sala de jantar, deu com o padrinho a ler os jornais, segundo o seu hábito querido.

— Horácio, você passe na casa do Guedes e traga-me a roupa que mandei consertar.

— Mande outra pessoa buscar.

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



— O que?  
— Não trago.  
— Ingrato! Era de esperar...  
E o menino ficou admirado diante de si mesmo, daquela saída de sua habitual timidez.

Como resultado dessa ‘insubordinação’, Horácio adocece, revelando o quão entranhado em sua condição subalterna o rapaz se encontra.

Já em *Triste fim Policarpo Quaresma* (1911), o marginalizado da vez é o interiorano, como podemos perceber na seguinte passagem:

Pelos seus olhos passaram num instante aquelas faces amareladas e chupadas que se encostavam nos portais das vendas preguiçosamente; viu também aquelas crianças maltrapilhas e sujas, d’olhos baixos a esmolar disfarçadamente pelas estradas; viu aquelas terras abandonadas, improdutivas, entregues às ervas e insetos daninhos; viu ainda o desespero de Felizardo, homem bom, ativo e trabalhador, sem ânimo de plantar um grão de milho em casa e bebendo todo o dinheiro que lhe passava pelas mãos.

Aqui a militância da literatura barretiana se revela na descrição das péssimas condições do homem rural, do interior do Brasil, que apesar de ser ‘bom, ativo e trabalhador’, frente às circunstâncias e ao abandono do governo, acaba sem ânimo para trabalhar e entregando-se à bebida.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme R.J. Oakley,

Lima Barreto afirmava que a beleza estética depende da ‘substância da obra’, que é o pensamento que o artista investe nela. Tal noção há de se vincular ao problema do destino humano neste mundo; ou seja, a importância da literatura reside não na forma, mas no conteúdo.

Em *O destino da literatura*, Lima Barreto afirma que o fundamental se encontra na “exteriorização de um certo e determinado pensamento de interesse humano, que fale do

# V ENALI

## ENCONTRO NACIONAL DE LÍNGUA E LITERATURA

CULTURA E LITERATURA:  
REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO



problema angustioso de nosso destino em face do Infinito e do Mistério que nos cerca, e aluda às questões de nossa conduta na vida”.

Essa é a *verve* da literatura barretiana. Como vimos nos exemplos explorados nesse texto, o subúrbio e seus moradores são temas centrais na obra do escritor. Assim ele procede no intuito de “promover a identidade entre os seres humanos, que são todos frutos da mesma origem e que devem caminhar todos na mesma direção”.

### REFERÊNCIAS

BARBOSA, Francisco de Assis. *A Vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Penguin Companhia, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

MACHADO, Maria Cristina. *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*. Goiânia: Ed. UFG: São Paulo: Edusp, 2002.

OAKLEY, R.J. *Lima Barreto e o destino da literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Contos Completos de Lima Barreto*. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.